

ANTOINE HERCULE ROMUALD FLORENCE

Nascido em Nice, Hercule Florence chegou ao Brasil em 1824, numa viagem de volta ao mundo sem intenções de aqui se estabelecer. Entre 1825 e 1829, entretanto, participou como desenhista de uma expedição científica ao interior do Brasil chefiada pelo Barão Georg Heirich von Langsdorf, cônsul geral da Rússia no Brasil.

De volta da expedição, Florence casou-se com Maria Angélica Alvares Machado e Vasconcelos, isto em 1830, fixando residência na Vila de São Carlos, atual Campinas.

Pretendendo publicar seu estudo acerca dos sons emitidos pelos animais (Zoophonie) por ele observados durante os anos que passou na selva, e, verificando que em toda a Província de São Paulo havia apenas uma oficina impressora - a do jornal *O Pharol Paulistano*, Florence passou a interessar-se pelo campo da reprodução gráfica. Neste mesmo ano de 1830, desenvolveu um processo de impressão ao qual denominou Poligraphie, processo este que seria por ele constantemente aperfeiçoado. Três anos mais tarde, em janeiro de 1833, realizou sua primeira experiência fotoquímica baseando-se nas informações do jovem Joaquim Correa de Mello (1816-1877) acerca das propriedades do nitrato de prata e, no seu próprio conhecimento do princípio da câmara obscura.

O inventor utilizou-se do papel como base para suas cópias fotográficas e, entre os sais de prata que geralmente empregou para sensibilizar as superfícies, situam-se o nitrato e o cloreto de prata. Foi entretanto com o cloreto de ouro que Florence encontrou o melhor preparado para seus trabalhos de "impressão": cópias por contato de documentos e desenhos executados em pranchas de vidro, que funcionavam como matrizes ou "negativos". As cópias fotográficas obtidas com cloreto de ouro, eram fixadas com urina (em função da amônia em sua composição). A utilização do amoníaco cáustico também é descrita nos seus manuscritos para as cópias a cloreto de prata.

Seus manuscritos, assim como cópias fotográficas por ele realizadas, foram felizmente preservados, e assim foi possível se desenvolver pesquisas fundamentadas, onde se buscou estabelecer as várias prioridades alcançadas pelo inventor. Neste sentido foi possível comprovar inclusive que Florence empregou o termo **Photographie** - como título que deu à sua invenção - desde 1833/1834, isto é, pelo menos 5 anos antes de outros pesquisadores, como por exemplo, o inglês John Herschel, a quem a História comumente se referiu como sendo o primeiro a haver empregado o vocábulo, isto em 1839.

As razões que o motivaram à descoberta de um processo fotográfico foram bastante diferentes das de seus contemporâneos na Europa. Seu grande objetivo foi a "impressão pela luz", ou seja a impressão originado pela quase total inexistência de oficinas impressoras no país. Florence buscou e alcançou, através de seu método, a realização de

um processo simples e exeqüível de impressão apropriado para um ambiente desprovido dos mínimos recursos tecnológicos, como aquele em que ele se encontrava.

Hercule Florence fez suas anotações sobre o invento da fotografia, em três cadernos pequenos e num volume de 423 páginas, todos manuscritos normalmente em francês, que era a sua língua, e, num quinto desses autônomos conjuntos de informações (em que copiou diversas cartas por ele expedidas, e ao qual deu o nome de "Correspondance"), teve o ensejo de fazer referências ao invento.

"

15 de janeiro
de 1883

Creio antever que um dia se imprimirá pela ação da luz. Toda gente sabe que a luz descolore os objetos; vi, pelo menos, que isso acontece com as dobras das peças de indianas expostas à claridade. Se eu fosse químico, talvez conhecesse uma substância susceptível de colorir-se ou descolorir-se à ação da luz, ou de mudar de cor, ou de escurecer. A única substância que sei possuir a virtude de enegrecer ao sol, mas que seria preferível a tudo é a que de preta se tornasse branca, ou cuja cor, ao menos, se tornasse facilmente mais clara.

Ora, se assim acontecesse, como o creio, colocar-se-ia uma folha de papel, ou outro qualquer corpo de superfície lisa, coberta de uma camada dessa substância, numa câmara escura. A própria escuridão dessa câmara seria favorabilíssima, para impedir a descolorização do que se deveria conservar intacto; as meias tintas favoreceriam a descoloração só pela metade e as claridades do objeto que seria representado na câmara escura, apresentando-se formadas pela própria luz, esta descoloriria perfeitamente nesses lugares. Dessa maneira, sendo a ação da luz proporcional à sua intensidade sobre a citada superfície, o objeto permaneceria nela representado, mesmo após ter sido retirado da câmara escura. Ele não estaria caracterizado pela coloração, mas suas diferentes tintas lhe marcariam a aparência.

20 de janeiro
de 1833

Domingo - Descobrimto importantíssimo. O que eu disse no artigo precedente, datado de 15, acaba de confirmar-se hoje, mediante duas felicíssimas experiências.

1ª experiência. Fabriquei muito imperfeitamente uma câmara escura, utilizando uma caixinha, que cobri com minha paleta, em cujo orifício introduzi lente que pertencera a um óculo (estas minúcias evidenciam a precariedade dos meios). Coloquei o espelho e, a conveniente altura, dentro pus um pedaço de papel embebido de fraca dissolução de nitrato de prata. Depositei esse aparelho numa cadeira, em sala naturalmente escura. O objeto que se representava na câmara escura era uma das janelas, com a vidraça fechada: viam-se os caixilhos, o teto duma casa fronteira e parte do céu. Aí deixei isso durante 4 horas; em seguida, fui verificar e [palavra ilegível pelo exposto ao lado], retirado o papel, nele encontrei a janela fixamente representada, mas, o que devia mostrar-se escuro, estava claro, e o que devia ser claro, apresentava-se escuro. Não importa, porém; achar-se-á logo o remédio para isso. (...)

Não existiria um corpo que tivesse a propriedade de adquirir a cor do raio que sobre ele incidisse? Notemos que cada uma das cores do espectro solar exerce uma ação particular sobre o nitrato ou o cloreto de prata, e que as diferentes cores das folhas extremamente delgadas da mica provêm de diferentes camadas de ar que nelas se acham interpostas. Lembremo-nos de que, até um grau temperado de luz, pode ter ação forte sobre um corpo, em certas circunstâncias. E esperemos que um dia se conhecerá um corpo que, alojado na câmara escura, mudará de natureza na superfície, conforme as impressões dos raios coloridos, a ponto de contrair suas cores. (...)

Incríveis vantagens trará esse descobrimto. O aparelho reduz-se a um pedaço de vidraça, e os ingredientes, a uma dissolução de nitrato de prata. (...)

Bastará escrever ou desenhar um traço em superfície tão polida quanto a do vidro e em camada tão fina quanto a da fuligem de uma candeia. (...)

É evidente que, se se desenha a nanquim, num vidro, e se o desenho é cuidadíssimo, tirar-se-ão, pelo processo ora exposto, cópias igualmente cuidadas: as sombras, os claros, os meio-claros serão tão bem misturados, e com intensidade tão bem proporcionada entre tais cópias, como no original. O efeito da luz sobre o nitrato de prata é de escurecê-lo com igualdade sem sobrar o menor átomo da superfície assinalado pelo branco. É evidente, e a experiência mo demonstrou, que as cópias parecerão feitas em aguada. Esse novo processo será, portanto, o mais delicado e o menos custoso de todos. (...)”

A partir desta data, as anotações de Florence prosseguem, mas subordinadas ao título “FIXATION DES IMAGES DANS LA CHAMBRE OBSCURE”:

“Mas quanto não será tal processo útil aos retratos! Isso mesmo: a imagem de uma pessoa, refletida na câmara escura, será apreendida e fixada no papel, por simples ação química. Quanta parecença! Não mais haverá o trabalho da mão, não mais [seguem-se palavras ilegíveis pela dilaceração da página, neste ponto], não mais haverá fadigas intelectuais! A inteligência, sob esse aspecto, repousará enfim, e pairará sobre novos tesouros, sobre novas fontes de felicidade! (...)”



Instituto Hercule Florence
de Estudos da Sociedade e Meio
Ambiente do Século XIX Brasileiro

ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARQUIVOS DIGITAIS

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence ao Instituto Hercule Florence ou a instituições parceiras. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a autenticidade e a integridade da fonte, não realizando interferências digitais além de ajustes de contraste, cor e definição.

1. Utilizar este documento apenas para fins não comerciais

Os textos e as imagens publicadas no IHF Digital são de domínio público, porém seu uso comercial não está autorizado. Alguns textos e imagens provêm de instituições parceiras e somente poderão ser utilizados após consulta (contato@ihf19.org.br).

2. Créditos

Ao utilizar este documento, você deve dar o crédito ao autor (ou autores), ao IHF Digital, ao acervo original e ao autor(es) da reprodução/tratamento digital. Solicitamos que o conteúdo não seja republicado na rede mundial de computadores (internet) sem prévia autorização do IHF e/ou da instituição parceira.

3. Direitos do autor

No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Se você acreditar que algum documento ou imagem publicada no IHF Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (contato@ihf19.org.br).

4. Responsabilidades

O IHF reserva-se o direito de alterar o conteúdo do site, sem necessidade de aviso prévio, assim como rejeita qualquer responsabilidade pela utilização não autorizada do conteúdo deste site por terceiros.